




Percepção e experiências de vitimização por violência em adolescentes

Perception and experiences of victimization by violence in adolescents


Percepción y vivencias de victimización por violencia en adolescentes

José Ronildo da Costa¹ 

João Cruz Neto² 

Mauro Mccarthy de Oliveira Silva¹ 

Felice Teles Lira dos Santos Moreira¹ 

Maria do Socorro Vieira Lopes¹ 

Grayce Alencar Albuquerque¹ 

¹Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil.

²Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.

Autor correspondente:

João Cruz Neto

E-mail: enfjncruz@gmail.com

Submetido: 24 agosto 2023

Aceito: 13 junho 2025

Publicado: 17 setembro 2025

Editor Convidado: Marta Angélica Iossi Silva

Editor Associado: Lidiane Cristina da Silva Alencastro

Como citar este artigo: Costa JR, Cruz Neto J, Silva MMO, Moreira FTLS, Lopes MSV, Albuquerque GA. Percepção e experiências de vitimização por violência em adolescentes. Rev. Eletr. Enferm. 2025;27:77106. <https://doi.org/10.5216/ree.v27.77106> Português, Inglês.

RESUMO

Objetivo: descrever a percepção e as experiências de vitimização em adolescentes. **Métodos:** trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada entre abril e junho de 2019, em uma escola pública do ensino médio, com participação de 40 adolescentes, divididos em quatro grupos focais. Os dados foram colhidos mediante questões disparadoras sobre a temática. O *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) foi utilizado para análise. **Resultados:** participaram do estudo adolescentes, sexo feminino, heterossexuais, católicos e pardos. Os discursos apontam violência de gênero e preconceito direcionado à diversidade sexual; conhecimento acerca das manifestações da violência; experiências com *bullying* enquanto violência perpetrada e impactos da violência, especialmente a partir de relatos em que se revelam violências sexuais e violência intrafamiliar. **Conclusão:** adolescentes se encontram em vulnerabilidade para perpetrar e sofrer violência, o que reforça a necessidade de reconhecimento do fenômeno e intervenção precoce a fim de evitar sequelas.

Descritores: Violência; Adolescente; Acontecimentos que Mudam a Vida; Vítimas de Crime.

ABSTRACT

Objective: to describe the perception and experiences of victimization in adolescents. **Methods:** this qualitative research was conducted between April and June 2019 at a public high school with the participation of 40 adolescents, divided into four focus groups. Data were collected through trigger questions on the topic. The *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) software was used for analysis. **Results:** the study included heterosexual, female, Catholic, and mixed-race adolescents. Their discourse highlighted gender-based violence and prejudice against sexual diversity, knowledge about the manifestations of violence, experiences with bullying as perpetrated violence, and the impacts of violence, especially from accounts revealing sexual violence and domestic violence. **Conclusion:** adolescents are vulnerable to perpetrating and suffering violence, which reinforces the need for recognition of the phenomenon and early intervention to avoid consequences.

Descriptors: Violence; Adolescent; Life Change Events; Crime Victims.

RESUMEN

Objetivo: describir la percepción y las experiencias de victimización entre adolescentes. **Métodos:** estudio cualitativo realizado entre abril y junio de 2019 en una escuela secundaria pública, con la participación de 40 adolescentes divididos en cuatro grupos focales. Los datos se recopilaron mediante preguntas detonantes sobre el tema. Para el análisis se utilizó el *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ). **Resultados:** el estudio incluyó a adolescentes heterossexuales, católicas y mestizas. Sus discursos destacaron la violencia de género y los prejuicios contra la diversidad sexual, el

© 2025 Universidade Federal de Goiás. Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.



conocimiento sobre las manifestaciones de la violencia, las experiencias de acoso escolar como violencia perpetrada y los impactos de la violencia, especialmente a partir de relatos que revelan violencia sexual y violencia doméstica. **Conclusión:** los adolescentes son vulnerables a perpetrar y sufrir violencia, lo que refuerza la necesidad de reconocimiento del fenómeno e intervención temprana para evitar consecuencias.

Descriptores: Violencia; Adolescente; Acontecimientos que Cambian la Vida; Víctimas de Crimen.

INTRODUÇÃO

Entende-se por violência o uso intencional da força ou do poder físico, real ou em ameaça, contra uma pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em injúria, morte, dano psicológico, privação ou alteração de desenvolvimento⁽¹⁾.

A violência apresenta características multifacetadas e diversas expressões. Pode estar presente de modo explícito em espaços urbanos e institucionais, ou de forma sutil e velada, como nos casos das violências que acometem principalmente, mas não exclusivamente, crianças, adolescentes, idosos e mulheres⁽²⁾.

Em relação à adolescência, a violência pode ser expressa das mais variadas formas, e acontecer em ambiente familiar, comunitário e escolar. Este grupo populacional apresenta maior vulnerabilidade de vitimização de abusos (com destaque para os sexuais) ou negligência, pois estes seres humanos demandam do universo adulto a proteção e segurança necessárias para seu melhor desenvolvimento. Assim, as repercussões sobre sua vida devem ser consideradas de forma especial⁽³⁾.

Estudo⁽⁴⁾ com 102.301 adolescentes matriculados no 9º ano do ensino fundamental das 26 unidades da federação e do Distrito Federal no Brasil, baseado em dados secundários da Pesquisa Nacional de Saúde dos Adolescentes de 2015, revelou que 14,5% dos adolescentes relataram episódios de violência física praticada por algum membro da família, e maior frequência de violência sofrida pelo sexo feminino, com 15,1% da amostra.

Entre 2011 e 2017, ocorreram 1429.931 casos de violência interpessoal/autoprovocada no Brasil, e desse total, 374.673 (26,3%) tinham os adolescentes como vítimas; a maior frequência ocorreu no sexo feminino (65,2%) e raça/cor negra (68,6%); e a violência mais prevalente foi a física (64,7%), seguida da sexual (24,7%)⁽⁵⁾.

Sabe-se que quanto mais cedo o adolescente é exposto à violência e, dependendo da sua intensidade, maiores serão os problemas dele decorrentes, como incapacidades, transtornos psíquicos, baixo rendimento escolar, comportamentos de risco, sofrimento para famílias e sociedade, e maior probabilidade de desenvolver futuro comportamento violento^(5,6). Ressalta-se ainda que a violência está associada ao risco aumentado de depressão na adolescência, principalmente no sexo feminino, pois alguns tipos de violência aumentam consideravelmente no início desta fase, destacando-se a sexual^(5,6).

Dada a magnitude desse agravamento na vida dos adolescentes, é necessário desvelar as percepções e experiências de vitimização sob a ótica deste público, o que poderá oferecer elementos para maior visibilidade do fenômeno e seu devido enfrentamento e pre-

venção, a partir da compreensão de sua dinâmica e consequências.

Partindo do pressuposto de que a violência na adolescência compromete a saúde e o desenvolvimento humano, este estudo objetivou descrever a percepção e as experiências de vitimização em adolescentes.

MÉTODOS

Estudo descritivo, qualitativo, desenvolvido no período de abril a junho de 2019, em uma escola pública do ensino médio da rede estadual localizada no município de Picos, estado do Piauí, Brasil, na qual se encontravam matriculados 477 alunos de forma regular, dos quais 254 cursavam o ensino médio. Os participantes foram selecionados por conveniência.

O critério de inclusão adotado para participação dos adolescentes no estudo foi pertencer à faixa etária entre 12 a 18 anos, conforme definição de adolescência pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁽⁷⁾. A ausência dos adolescentes na escola nos dias de realização da coleta de dados foi adotada como critério de exclusão.

As recomendações do *Consolidated criteria for reporting qualitative research* (COREQ) foram utilizadas na elaboração deste texto⁽⁸⁾. Após ciência e autorização para desenvolvimento da pesquisa pela direção da escola, foi realizada reunião prévia com o corpo docente da instituição para apresentação do estudo, solicitação de permissão para acesso às salas de aula e agendamento das datas da coleta de dados junto ao público-alvo.

O acesso às salas de aula ocorreu nos dias acordados. Houve explicação aos adolescentes sobre a pesquisa, entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a indicação de assinatura pelos pais ou responsáveis legais e termo de assentimento àqueles interessados em participar do estudo. Também foi acordada a data para recolhimento dos termos, agendamento e realização da coleta por meio de grupos focais.

O número de adolescentes que decidiram participar do estudo determinou o número de grupos focais a serem realizados. Quatro grupos focais com dez adolescentes cada foram realizados, duração máxima de uma hora e vinte minutos (01:20h), registro das falas em gravação de áudio, e descrição mediante notas de campo em diário. Os grupos foram realizados em ambiente privativo, na biblioteca e na sala de reunião da referida escola, nos turnos matutino e vespertino. As percepções e experiências de vitimização dos adolescentes, motivações, implicações e enfrentamento foram utilizados como questões disparadoras.

Após a transcrição dos áudios dos grupos focais, estes foram organizados no programa *Libre Office Writer* (Office, versão 5.3,

2010, *The document foundation*, Alemanha). Optou-se por não devolver as transcrições das falas aos participantes para evitar nova recordação de eventos negativos.

O material foi preparado por meio de novas leituras, correções e decodificação da variável fixa, como por exemplo *GRU_1 a *GRU_4, em que GRU significa Grupo Focal e 1 - 4, o número do grupo.

Foram adotados os seguintes códigos para identificação das falas dos participantes nos grupos focais: AD (adolescentes), M ou F (para descrição do sexo biológico; masculino e feminino), 01-10 (número dado ao adolescente durante a realização do grupo focal).

O processamento e a análise dos dados foram realizados pelo software gratuito *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ®)⁽⁹⁾, (versão 0.7 alfa 2, 2017, *Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales est*, França), que permite diferentes formas de análises estatísticas de textos, produzidas a partir de documentos, discursos, entre outros.

Para este estudo foi utilizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que divide o *corpus* em classes, agrupando as palavras de acordo com a maior associação com a classe, e apresentando o percentual de representação no *corpus* estudado. Os discursos gravados dos adolescentes obtidos nos grupos focais foram processados no IRAMUTEQ®. O processamento no programa a partir da CHD possibilitou a elaboração de quatro categorias temáticas, organizadas conforme as similaridades e divergências. Os resultados foram analisados de forma reflexiva e descritiva, de

acordo com a literatura da área.

Em função das características da população-alvo, é possível que parte dos adolescentes vítimas de violência não tenham aceitado o convite para participar da pesquisa devido ao receio de falar sobre o tema, desinteresse ou mesmo medo.

A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 07569019.6.0000.5055. Os aspectos éticos e legais presentes na Resolução 466/2012, referente às pesquisas envolvendo seres humanos, e na Resolução 510/2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis à pesquisa em ciências sociais e humanas, foram respeitados.

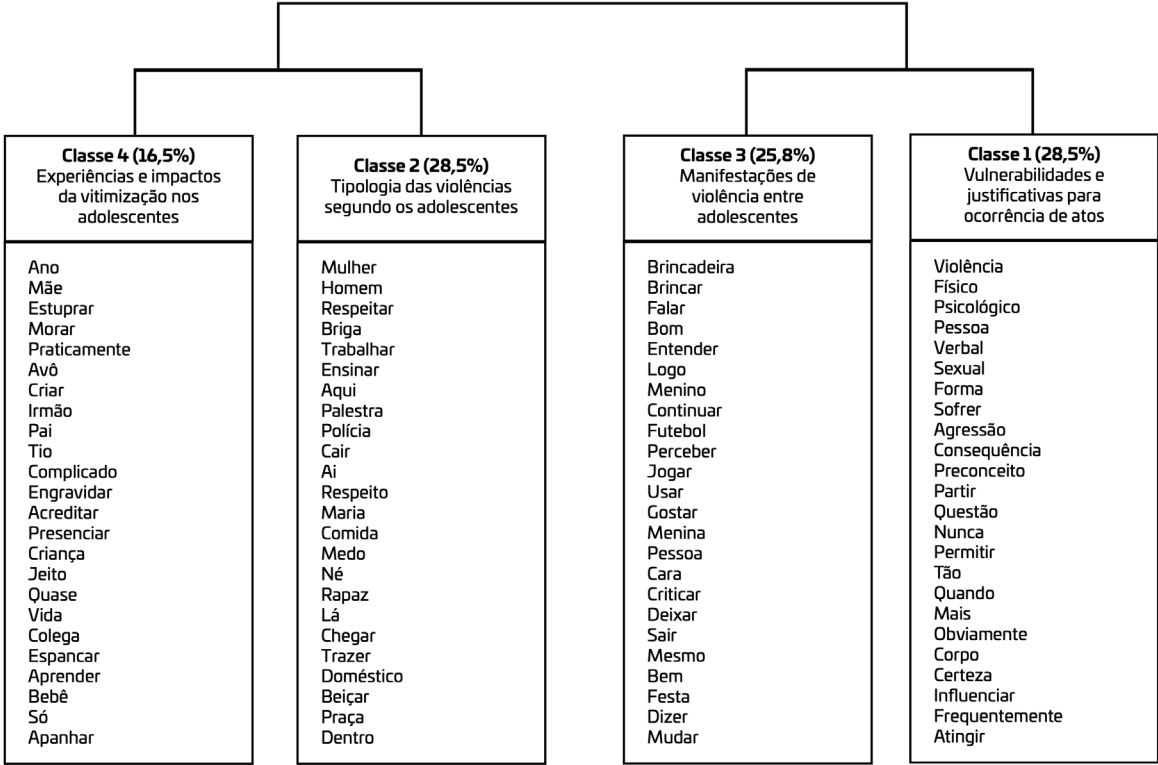
RESULTADOS

Participaram da pesquisa 40 adolescentes, a maioria do sexo feminino (n = 26, 65%), com 18 anos de idade (n = 40%), pardos/as, orientação sexual heterossexual, renda familiar de um salário mínimo, e religião católica.

O *corpus* de falas analisado obteve elevado nível de aproveitamento. Dos 466 segmentos de texto, 376 (80,69%) foram retidos. A CHD permitiu dividir o *corpus* textual em quatro classes.

O *corpus* textual se dividiu inicialmente em duas partes. De cada divisão, houve uma subdivisão em outras duas partes, originando as classes 1 e 3, 2 e 4. As palavras das classes obtiveram valor de $p < 0,0001$, e a classe 2 teve maior prevalência (29,3%) (Figura 1).

Figura 1 - Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente com as participações e conteúdo corpus dos Grupos Focais, Picos, Piauí, Brasil, 2019



As percepções e experiências de vitimização em adolescentes são apresentadas a seguir, organizadas em quatro categorias que representam as classes, e em ordem decrescente de sua prevalência.

Vulnerabilidades e justificativas para ocorrência de atos violentos

Essa categoria teve origem a partir da classe 2, que teve maior representação (29,26%) e cujas palavras com valor de $p < 0,0001$ em destaque foram “mulher”, “homem”, “respeitar”, “briga”, “trabalhar” e “ensinar”. Elas demonstram, na percepção dos adolescentes, as vulnerabilidades e justificativas associadas à ocorrência de violência neste público. Nesta classe sobressaíram discursos dos Grupos Focais 2 e 3, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Vulnerabilidades e justificativas para atos violentos segundo adolescentes do estudo, Picos, Piauí, Brasil, 2019

Grupo Focal	Trechos das falas dos participantes
Grupo Focal 3	<p>Lá em casa, mãe tá trabalhando o dia todo, aí meu pai chega mais cedo do que minha mãe. ADF5</p> <p>Nesse caso aí tá certo, já faz o combinado o homem e a mulher. ADM1</p> <p>E também, mesmo com a Lei Maria da Penha, tem mulher que não faz a denúncia porque é o homem que traz alimento pra dentro da casa, aí uma família inteira, tem muitos filhos, às vezes. ADF6</p> <p>Não pode, “mode” [por causa dos] filhos, filhos pequenos aí passando e não pode, na sociedade de hoje você vê um casal se beijando homem com homem, mulher com mulher. ADM1</p> <p>Eu acho que tem muita gente que tem isso [impulsividade] e não consegue controlar, não gosta sabe? ADM4</p> <p>Quer dizer que o homem vai trabalhar, chegando em casa ainda vai fazer o almoço, pra comer e voltar pro trabalho? ADM1</p> <p>Mas é lógico, tem que ajudar rapaz, tu acha que a mulher fica em casa é deitada? ADF6</p>
Grupo Focal 2	<p>Fazer palestras de incentivo, tanto para homens respeitar mulheres, como para elas ir atrás de ajuda porque, muitas das vezes, as mulheres aceitam por medo, por ameaça. ADF7</p> <p>Ou às vezes, dependendo do tipo de ajuda, acaba não acontecendo nada. ADF1</p>

A ideia central dos discursos se voltou para a violência de gênero e o preconceito direcionado à diversidade sexual, revelando-se que a condição “ser mulher” e “ser homossexual” eleva a vulnerabilidade para sofrer violência, e não executar seus papéis sociais aparece como justificativa para a deflagração de atos violentos contra esse público.

Tipologia das violências segundo os adolescentes

Essa categoria teve origem a partir da classe 1, com representação de 28,5%, cujas palavras de destaque com valor de $p <$

0,0001 foram “violência”, “físico”, “psicológico”, “pessoa”, “verbal”, “sexual”, “forma”, “sofrer” e “agressão”; e representam as tipologias de violência conhecidas pelos adolescentes, conforme Quadro 2. Nesta classe, todos os Grupos Focais tiveram destaque em suas contribuições.

Quadro 2 - Tipologia das violências segundo adolescentes do estudo, Picos, Piauí, Brasil, 2019

Grupo Focal	Trechos das falas dos participantes
Grupo Focal 1	<p>Agressão física, verbal, psicológica é isso aí. ADF03</p> <p>Brutalidade. ADM05</p> <p>Trauma. ADF08</p> <p>Medo. ADF06</p> <p>Covardia. ADF09</p> <p>Eu acho que a violência mais frequente é a psicológica, a física e verbal. ADF04 e ADF03</p> <p>Verbal, porque às vezes a gente xinga as pessoas no dia a dia, praticando mesmo assim. ADF03</p>
Grupo Focal 2	<p>E às vezes até agride as pessoas por não aceitar as escolhas dela. ADF07</p> <p>Quem nunca passou por violência? Violência psicológica, agressão verbal, é, coisas físicas, seja tapinha na cabeça, por exemplo, entre os homens [...] ADM04</p> <p>[...] porque dá para perceber quando as pessoas, ela está sofrendo por aí, seja violência sexual, psicológica e até mesmo a física, dá para perceber por causa das atitudes, porque muitas vezes a pessoa que era alegre, às vezes começa a ficar deprimida, ou até mesmo começa a agredir outra pessoa. ADF07</p> <p>O fato de que a gente está em uma escola, a gente vê muito a questão da violência, é... talvez nem tanto sexual, mais violência física, verbal, psicológica a gente vê muito. ADF04</p>
Grupo Focal 3	<p>Violência física é o agredir a pessoa. ADF06</p> <p>Agredir, física, batendo, tá doendo? Violência verbal é com as palavras, xingando, falando coisas que você não gosta. ADM01</p> <p>Tá meio roxo. ADF03</p> <p>Falando coisa que você se sente desconfortável. ADM04</p>
Grupo Focal 4	<p>Verbal. ADF02</p> <p>Verbal, psicológica. ADF05</p> <p>Até porque é mais difícil sofrer violência física né, por quê? ADM03</p> <p>Com certeza LGBT, com certeza é um dos que são mais atingidos pela violência física e psicológica. ADM03</p>

Verifica-se que os adolescentes demonstram conhecer os tipos de violência mais frequentes (psicológica, física e sexual) e suas manifestações.

Manifestações de violência entre adolescentes

Essa categoria teve origem a partir da classe 3, que teve representação de 25,8% e as palavras de destaque com valor de $p < 0,0001$ foram “brincadeira”, “brincar”, “falar”, “bom”, “entender”, “logo” e “menino”. Na percepção dos adolescentes, elas representam como a violência se manifesta entre os pares, conforme Quadro 3. Nesta classe, sobressaíram-se os discursos dos Grupos Focais 2 e 3.

Quadro 3 - Manifestações de violência segundo adolescentes do estudo, Picos, Piauí, Brasil, 2019

Grupo Focal	Trechos das falas dos participantes
Grupo Focal 1	<p>[...] Não, tô brincando, tô zoando contigo, mas, tem vez que é verdade. ADF01</p> <p>Tem vez que a gente faz uma brincadeira e a pessoa entende como outra coisa, mas a gente não tá falando, como é que diz? ADF02</p> <p>[...] aí começa com zoação, com brincadeiras, com coisas sem graça, aí a pessoa...tá, aí é normal, é bem 'facim' de ... não vale a pena, tá de boa, tá brincando com a gente [...] ADF04</p> <p>[...] a gente vai tentar brincar junto com ele, só que as brincadeiras dele são muito ruim. Fulano para, não tá certo, a gente não tá gostando e ele continua rindo da cara da gente. ADF04</p>
Grupo Focal 2	<p>[...] essas coisas, só que os meninos falavam, não, tu é menina, mulher brinca é de boneca, futebol é feito só pra homem. ADF02</p> <p>E tem as meninas que querem jogar futebol e os meninos não deixam jogar, ah, você não sabe, mas como que as meninas é, é vão ser boas no futebol se eles não deixam elas participarem? Se são excluídas, quando eu era pequena eu era louca pra brincar de drible [...] ADF02</p> <p>[...] eu aqui posso pegar e brincar com ele, dizer, dizer que ele é gay, essas coisas na brincadeira, isso pode gerar uma ofensa para outras pessoas que estão à nossa volta [...]. ADM04</p>

Conforme observado, o *bullying* surge como destaque enquanto manifestação de violência perpetrada e vivenciada pelos adolescentes, sendo manifestado por meio de “brincadeiras” (entendidas desta maneira por parte dos agressores) e como humilhação, conforme entendimento por parte das vítimas. Os adolescentes apontam que tais “brincadeiras” reforçam papéis sociais e segregam indivíduos, a exemplo do impedimento de pessoas do sexo feminino participarem de atividades impostas socialmente ao sexo masculino (como jogar futebol) e a utilização de termos considerados por alguns indivíduos como pejorativos (como gay) e que, quando considerados desta maneira, humilham os indivíduos que se identificam como tal.

Experiências e impactos da vitimização por violência nos adolescentes

Essa categoria teve origem a partir da classe 4, com representação de 16,49%, e cujas palavras de destaque com valor de $p < 0,0001$ foram “ano”, “mãe”, “estuprar”, “morar”, “praticamente”, “avô”, “criar”, “irmão”, “pai”, “tio”, “complicado”, “engravidar”, “acreditar”, “presenciar”, “criança”, “jeito”, “filho”, “quase” e “vida”. Elas revelam os impactos das experiências de atos violentos na vida dos adolescentes, conforme Quadro 4. Nesta classe, prevaleceram os discursos dos Grupos Focais 1, 2 e 4.

Observa-se o impacto da violência na vida dos adolescentes, especialmente a partir de relatos em que se revelam violências sexuais e a manifestação de atos violentos nas relações familiares,

Quadro 4 - Experiências e impactos da vitimização por violência segundo adolescentes do estudo, Picos, Piauí, Brasil, 2019

Grupo Focal	Trechos das falas dos participantes
Grupo Focal 2	<p>[...] aí por conta das crianças é... de não dar uma boa vida aos filhos, elas acabam aceitando [ser violentado(a)]. ADF07</p> <p>Eu sou fruto de um estupro, minha mãe foi estuprada, é... engravidou com quinze anos é... ela foi estuprada pelo meu pai. ADF03</p> <p>[...] Eu falo assim, meu pai, só para identificar, porque é... eu nunca tive consideração, não tenho consideração e minha vó também foi estuprada e engravidou de minha mãe. ADF03</p> <p>Minha mãe não tem como superar, até hoje ela chora, [...]. [vivência de estupro com os filhos]. ADM03</p> <p>[...] O pai dele também faz muitas piadas, todas homofóbicas e ele também tá aprendendo isso. ADF03</p> <p>Quando eu era menor, quando eu tinha uns quatro anos, eu presenciei meu pai enforcando minha mãe. ADM06</p> <p>É... eu tenho [pena], é minha antiga colega, é uma das minhas antigas colegas de classe é, ela foi estuprada quando era criança, praticamente três ou dois anos, um bebê praticamente [...]. ADM04</p> <p>[...] minha mãe ficou por cima dele e quase matou ele. Não matou porque ela lembrou que tinha eu e meu irmão, naquele momento ela saiu, procurou um jeito de vir embora pra cá, a gente morava no Tocantins nessa época. ADM04</p> <p>[...] minha mãe tentou de vários jeitos e por muitos anos sair daquilo ali e ele ia atrás, entrava na casa do pai da minha mãe e quebrava tudo e arrancava ela de lá de dentro à valentia. ADF01</p>
Grupo Focal 4	<p>[...] eu acho que é tipo uma atração pra as pessoas hoje em dia, brigar. ADM03</p> <p>Não devia ser, mas acaba se tornando, a gente desde cedo é criado praticamente na violência, muitos pais só acreditam que os filhos só mudam se apanhar. ADF07</p>
Grupo Focal 1	<p>Quase todo mundo já presenciou, ou de um amigo ou de um homem batendo em uma mulher, ou uma mãe batendo em um filho, ou eu espancando meu irmão. Também isso acontece bastante, espancando meus amigos [...]. ADF04</p>

com consequências negativas e permanentes nas vítimas, como medo, fuga, tristeza e rompimento de laços familiares. Destaca-se a revelação de uma adolescente como sendo fruto de um estupro (ADF03), com consequências psicológicas como observadas em “minha mãe não tem como superar” e impactando nas relações familiares, como revelado em “eu nunca tive consideração (pelo pai)”.

DISCUSSÃO

O estudo demonstra que a violência nas falas dos adolescentes tem relação com questões de gênero e de orientação sexual. Os adolescentes conhecem os tipos de violência, revelam humilhação por parte das vítimas e indiferença pelos agressores e isso reflete no convívio e nas experiências familiares.

Em relação à mulher, quando esta não exerce seu papel de “esposa, dona do lar e cuidadora da prole”, tenderá a ser culpabilizada

e castigada por meio de atos violentos. A violência contra mulheres se tornou um problema de saúde pública global e de etiologia multifatorial. O papel central para sua ocorrência é a perpetuação das normas hierárquicas de gênero e a crença de superioridade masculina sobre o corpo e o comportamento feminino em todas as faixas etárias^(10,11). Este fator é considerado importante para manutenção das mulheres em ciclos abusivos.

Essa evidência é evocada pelos participantes adolescentes ao apontarem que muitas mulheres sofrem violência e se mantêm no ciclo abusivo em decorrência da dependência financeira do parceiro. Além disso, pelo medo das recorrentes ameaças sofridas pelos agressores, mesmo algumas tendo conhecimento sobre a legislação como mecanismo de prevenção e punição do agravo.

No Brasil, a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, tornou-se um marco legal e simbólico no combate à violência doméstica sofrida por mulheres⁽¹²⁾. Com esta Lei, a violência doméstica contra a mulher, que até então era tida como questão de polícia, agora se coloca em outro patamar pelo Estado. Há o entendimento da necessidade da criação e articulação entre órgãos públicos no intuito de tecer redes de proteção e prevenção, posto que mais do que um caso de polícia, a violência de gênero é um problema social⁽¹³⁾.

Segundo os adolescentes, os homossexuais são outro grupo suscetível à vitimização, por romperem com o que a tradição e a cultura social impõem como correto, moral e ético: a relação heterossexual, ou seja, entre homens e mulheres. A violência cometida frente à orientação sexual não heterossexual é destacada ao vislumbrar que na adolescência se vivenciam as primeiras experiências sexuais. Quando o adolescente começa a apresentar comportamentos considerados inadequados pela sociedade heteronormativa, torna-se alvo de discursos homofóbicos e de violência, como a simbólica, com o intuito de coagir o indivíduo a assumir seu papel/identidade de gênero correspondente ao seu sexo biológico⁽¹⁴⁾.

Quando um adolescente homossexual se percebe diferente de seus pares, passa a acumular pensamentos negativos a respeito de si, internalizando a homofobia que pode levar à adoção de comportamentos de risco, com impactos negativos na socialização, hábitos e comportamentos que culminam em prejuízos ao seu bem-estar. Relata-se ainda, maior associação entre orientação sexual não heterossexual e ideias/tentativas de suicídio como sequelas da homofobia neste público⁽¹⁴⁾.

A violência verbal foi bastante relatada pelos participantes, e ela constitui uma forma de manifestação da violência psicológica.

Entende-se por violência psicológica o uso intencional de poder em qualquer conduta, causando danos emocionais à vítima, com diminuição de sua autoestima e prejudicando seu pleno desenvolvimento. Caracteriza-se por ofensa verbal de caráter repetitivo, com reclusão ou privação de recursos materiais, financeiros e pessoais^(15,16).

Por sua vez, a violência física é compreendida como o uso da força ou poder com o intuito de ferir, causar dor ou incapacidades, podendo levar inclusive, à morte. Embora não seja a forma mais co-

mum de violência, é a mais constantemente identificada em virtude das lesões que provoca e por suas consequências⁽¹⁷⁾.

Por fim, a violência sexual, também citada nos discursos, é definida como qualquer ação em que uma pessoa, em situação de poder e com uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, obriga outra pessoa a ter, presenciar ou participar de alguma interação sexual ou utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade⁽¹⁶⁾. Sua subnotificação é notória^(18,19). Esse tipo de violência gera consequências físicas e psicológicas nas vítimas, como gravidez, infecções sexualmente transmissíveis, transtornos pós-traumáticos, ansiedade, depressão e abuso de substâncias, especialmente quando ocorre na infância e adolescência, com repercussões na vida adulta⁽¹⁹⁾.

Estudo⁽²⁰⁾ utilizando o banco de dados da Uk Biobank com 155.223 participantes revelou que 1,8% da amostra havia sofrido abuso sexual ou físico na adolescência. A maior prevalência do abuso sexual ocorreu no sexo feminino (11,1%), enquanto o abuso físico se mostrou mais prevalente no sexo masculino (8,3%). O mesmo estudo evidenciou associação entre abusos sexuais e sintomas de depressão na vida adulta.

O *bullying* é definido como uma força física ou psicossocial repetitiva, geralmente exercida por uma pessoa mais forte contra uma pessoa mais frágil, que pode levar a uma dinâmica de poder desequilibrada entre agressor e vítima. O *bullying* e os conflitos físicos são relatados como distúrbios comportamentais frequentemente presentes entre adolescentes, e suscitam preocupação por sua associação com mau desempenho escolar e problemas de saúde mental neste público⁽²¹⁾.

Os discursos dos adolescentes deste estudo apontam para a prática cotidiana do *bullying* nos espaços escolares. Trata-se de um fenômeno de grupo, e, no contexto escolar, a maioria das crianças e adolescentes estão diretamente ou indiretamente envolvidos, seja como vítimas, agressores ou observadores⁽⁴⁾. Suas expressões/manifestações incluem desde xingamentos, expressões e gestos de humilhação, agressões físicas, ameaças, roubo, abuso verbal, dentre outros⁽⁴⁾.

Além das vítimas, autores e testemunhas de *bullying* podem sofrer consequências do ato. Quem o pratica tem grande probabilidade de manter comportamentos agressivos ao longo da vida, com adoção de condutas antissociais. Quem presenciar, por sua vez, se sente incomodado pelo clima criado no ambiente e pelo medo de ser o próximo alvo, o que acaba gerando baixas no desenvolvimento educacional e social⁽²²⁾.

A vitimização por estupro pode produzir traumas imediatos e desfechos de longo prazo físicos e psicológicos em suas vítimas, tais como lesões nos órgãos genitais, complicações obstétricas, disfunções sexuais, gestações indesejadas, abortos inseguros, contaminação por infecções sexualmente transmissíveis, depressão, uso/abuso de álcool e drogas, transtornos de ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, queixas somáticas, distúrbios do sono, afastamento de relacionamentos, comportamentos violentos e tentativas de suicídio^(23,24). Quando este ato tem como vítima crianças e

adolescentes, se somam às consequências, o sentimento de culpa, vergonha, distúrbios alimentares, distorções cognitivas, distúrbios mentais, problemas sexuais e de relacionamento e evasão escolar⁽²⁴⁾.

Outro fator importante destacado no discurso dos adolescentes refere-se à violência geracional. A violência vivenciada dentro dos lares constitui um problema mundial e fenômeno frequente e transversal nas diversas culturas, classes sociais e grupos étnicos⁽²⁴⁾. Em muitos seios familiares ainda há o entendimento de que a boa educação dos filhos ocorre por meio de métodos punitivos, como revelado nos discursos. Com o objetivo de modificar o comportamento da prole, os responsáveis se utilizam de uma disciplina coercitiva por meio da ameaça, uso direto da força e punição física e privação de privilégios⁽²⁵⁾. Crianças educadas a partir dessa concepção podem apresentar diversos problemas psicológicos e comportamentais no presente e no futuro⁽²⁶⁾.

A perpetuação da violência nas relações familiares impacta em processo de transmissão geracional do comportamento violento. Crianças e adolescentes que sofreram experiências de violência podem vir a ter experiências semelhantes na vida adulta⁽²⁷⁾. Além disso, fatores como abandono materno, abuso de substâncias por parte dos pais e/ou repetição de comportamentos violentos são fatores de risco que podem favorecer a perpetuação deste fenômeno. O caráter intergeracional e cíclico da violência incita sua naturalização, pois presenciar relacionamentos violentos entre pais/famílias desde a infância e adolescência pode condicionar a reprodução desse modelo nos futuros vínculos com os filhos⁽²⁸⁾.

Diante desse contexto, observa-se a necessidade de fortalecer a rede de enfrentamento da violência contra esse público, principalmente nas áreas da saúde e educação. Os profissionais destes setores precisam estar preparados e capacitados para identificar as várias manifestações de violência, além de notificar, orientar e encaminhar casos para os órgãos competentes.

Algumas limitações do estudo incluem a sua realização em apenas uma instituição de ensino, e a não realização de grupos específicos para as diferentes faixas etárias, o que pode ter limitado a expressão dos participantes.

CONCLUSÃO

Adolescentes vítimas de violência percebem as tipologias e manifestações do agravo e apontam que as estruturas sociais e culturais estereotipadas para homens e mulheres são determinantes para a sua ocorrência. As experiências pessoais de vitimização, em especial dentro das relações familiares, revelam as consequências desse fenômeno nas suas vidas, com destaque para manifestação de problemas psicológicos, medo, fuga e desestruturação familiar.

REFERÊNCIAS

1. Cagney J, Spencer C, Flor L, Herbert M, Khalil M, O'Connell E, et al. Prevalence of sexual violence against children and age at first exposure: a

- global analysis by location, age, and sex (1990–2023). *Lancet*. 2025 May 8;405(10492):1817–36. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(25\)00311-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(25)00311-3)
2. Stocco CS, Zubiolo TFM, Beltrame MHA, Dell'Agnolo CM. Sexual violence against children and adolescents in Paraná State: geospatial analysis and main socioeconomic indicators. *J Pediatr (Rio J)*. 2023 May 1;100(5):498–504. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2024.03.014>
3. Silva SM, Andrade ACS, Melanda FN, Oliveira LR. Factors associated with the recurrence of violence against children and adolescents. Mato Grosso-Brazil, 2013 to 2019. *Cien Saude Colet [Internet]*. 2024 July 1 [cited 2023 Aug 15];29(7):e02912024. Available from: <https://www.scielo.org/article/csc/2024.v29n7/e02912024/en/>
4. Malta DC, Antunes JT, Prado RR, Assunção AA, Freitas MI. Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Cien Saude Colet*. 2019 May 2;24(4):1287–98. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15552017>
5. Pereira VOM, Pinto IV, Mascarenhas MDM, Shimizu HE, Ramalho WM, Fagg CW. Violências contra adolescentes: análise das notificações realizadas no setor saúde, Brasil, 2011–2017. *Rev Bras Epidemiol*. 2020 July 3;23(suppl 1):e200004. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200004.supl.1>
6. Wang J, Harrer S, Zwald ML, Leemis RW, Holland KM, Stone DM, et al. Association of recent violence encounters with suicidal ideation among adolescents with depression. *JAMA Netw Open*. 2023 Mar 2;6(3):e231190. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2023.1190>
7. Lei Nº 13.106 do Ministério da Justiça de 17 de março de 2015 (BR) [Internet]. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para tornar crime vender, fornecer, servir, ministrar ou entregar bebida alcoólica a criança ou a adolescente; e revoga o inciso I do art. 63 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 - Lei das Contravenções Penais. *Diário Oficial da União*. 2015 Mar 17 [cited 2023 Aug 15]. Available from: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13106&ano=2015&ato=1acUTS65UNVpWtF4e>
8. Souza VRS, Marziale MHP, Silva GTR, Nascimento PL. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paul Enferm*. 2021 July 1;34:eAPE02631. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021ao02631>
9. Souza MAR, Wall ML, Thuler ACMC, Lowen IMV, Peres AM. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. *Rev Esc Enferm USP*. 2018 Out 04;52:e03353. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>
10. Santiago IMFL. Violência de gênero entre usuárias do serviço de atenção básica do SUS na Paraíba. *Rev Katálysis*. 2021 June 16;24(2):386–96. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021e78038>
11. Dreßing H, Hoell A, Scharmann L, Simon AM, Haag AC, Dölling D, et al. Sexual violence against children and adolescents: a german nationwide representative survey on its prevalence, situational context, and consequences. *Dtsch Arztebl Int*. 2025 May 30;122(11):285–291. <https://doi.org/10.3238/arztebl.m2025.0076>
12. Lei Nº 11.340 da casa civil da presidência da república, de 7 de agosto de 2006 (BR) [Internet]. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 2006 Aug 7 [cited 2023 Aug 15]. Available from: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm
13. Alcantara PPT, Carneiro FF, Pessoa VM, Pinto AGA, Machado MFAS. Cuidado integral às mulheres vítimas de violência. *Cien Saude Colet*. 2024 Aug 26;29(9):1-12. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.08992023>
14. Ntarelli TRP, Braga IF, Oliveira WA, Silva MAI. The impact of homophobia on adolescent health. *Esc Anna Nery*. 2015 Oct-Dez;19(4):664–70. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150089>

15. Barbosa AMS, Bender M. O reconhecimento jurídico das violências psicológicas nas relações de trabalho no Brasil. Caderno CRH. 2019 Nov 4;32(86):419-34. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i86.20193>
16. Marinho Neto KRE, Girianelli VR. Interpersonal violence against transgender and cisgender women in Brazilian municipalities: trends and characteristics. Cien Saude Colet. 2024 July 1;29(7):e02702024. <https://doi.org/10.1590/1413-8123202429702702024>
17. Eberhardt A, Fegert JM, Brähler E, Hoffmann U. Prevalence and prevention of violence against children and adolescents in volunteer work: analysis of a sub-sample from a representative survey of Germany. BMC Public Health. 2025 May 27;25:1951. <https://doi.org/10.1186/s12889-025-23038-y>
18. Terribele FBP, Munhoz TN. Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015). Cien Saude Coletiva. 2021 Jan 25;26(1):241-54. <https://doi.org/10.1590/1413-8123202026132272018>
19. Lima BCL, Miranda CES, Nascimento FFD, Andrade JX, Rodrigues MTP, Borges JWP. Temporal and spatial analysis of notifications of sexual violence against male children and adolescents in Brazil, 2013 to 2022: an ecological study. Epidemiol Serv Saude. 2024 Oct 14;33:e20231439. <https://doi.org/10.1590/S2237-96222024v33e20231439.en>
20. Chaplin AB, Jones PB, Khandaker GM. Sexual and physical abuse and depressive symptoms in the UK Biobank. BMC Psychiatry. 2021 May 11;21:248. <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03207-0>
21. Andrade CJN, Alves CAD. Relationship between bullying and type 1 diabetes mellitus in children and adolescents: a systematic review. J Pediatr (Rio J). 2019 Sept 30;95(5):509-18. <https://doi.org/10.1016/j.jpedp.2018.10.006>
22. Panúncio-Pinto MP, Alpes MF, Colares MFA. Situações de violência interpessoal/bullying na universidade: recortes do cotidiano acadêmico de estudantes da área da saúde. Rev. bras. educ med. 2019 Jan 13;43(1 Suppl 1):547-56. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190060>
23. Massaro LTS, Adesse L, Laranjeira R, Caetano R, Madruga CS. Estupros no Brasil e relações com o consumo de álcool: estimativas baseadas em autorrelato sigiloso. Cad. Saúde Pública. 2019 Mar 14;35(2):e00022118. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00022118>
24. Araujo JO, Souza FM, Proença R, Bastos ML, Trajman A, Faerstein E. Prevalência de violência sexual em refugiados: uma revisão sistemática. Rev saúde pública. 2019 Sept 17;53:78. <https://doi.org/10.11606/s1518-87872019053001081>
25. De Li S, Xia Y, Xiong R, Li J, Chen Y. Coercive parenting and adolescent developmental outcomes: the moderating effects of empathic concern and perception of social rejection. Int J Environ Res Public Health. 2020 May 19;17(10):3538. <https://doi.org/10.3390/ijerph17103538>
26. Glatz T, Källström Å, Hellfeldt K, Thunberg S. Physical violence in family sub-systems: links to peer victimization and long-term emotional and behavioral problems. J Fam Viol. 2018 Dec 26;34(5):423-33. <https://doi.org/10.1007/s10896-018-0029-6>
27. Bruhn MM, Lara L. Rota crítica: a trajetória de uma mulher para romper o ciclo da violência doméstica. Rev Polis e Psique. 2016 Aug 15;6(2):70-86. <https://doi.org/10.22456/2238-152x.63711>
28. Giordani JP, Seffner F, Dell'Aglio DD. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. Psicol Esc e Educ. 2017 Apr;21(1):103-11. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111092>

Contribuições dos autores - CRediT

JRC: concepção; investigação; visualização, escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

JCN: análise formal de dados; visualização; escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

MMOS: metodologia; visualização, escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

FTLSM: análise formal de dados; metodologia; visualização, escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

MSVL: supervisão; visualização; escrita – revisão e edição, escrita – rascunho original.

GAA: concepção; supervisão; visualização; escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

Financiamento

Esta pesquisa não recebeu apoio financeiro.

Conflito de Interesses

Nenhum.